

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS: DESAFIOS SOCIAIS E CULTURAIS **CLIMATE CHANGE: SOCIAL AND CULTURAL CHALLENGES**

Alice Balbé

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Braga, Portugal

Edson Capoano

Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil

Alejandro Barranquero

Departamento de Comunicação, Universidade Carlos III de Madrid, Madrid, Espanha

As alterações climáticas estão entre os principais desafios atuais globais. Configuram-se como globais pois as alterações dos padrões climáticos não atingem a todos da mesma forma, mas todos serão afetados. Relatórios recentes do Painel Intergovernamental para as Alterações Climáticas (IPCC), designadamente o sexto (Intergovernmental Panel on Climate Change, 2023), evidenciam a intersecção entre localização geográfica, fatores económicos, políticos e socioculturais. Isso significa que fatores como classe social, raça, etnia, género e idade, que estão associados a diferentes níveis de vulnerabilidades sociais, influenciam na probabilidade de sofrer com os efeitos do fenómeno e aumentam as dificuldades de enfrentamento. Destacamos, neste número, os desafios sociais relacionados com a ação climática e a justiça climática.

Essa intersecção entre a emergência climática e outros problemas sociais contemporâneos torna cada vez mais relevante trazer os desafios sociais e culturais ao debate público. O historiador Dipesh Chakrabarty, referência nos estudos pós-coloniais, tem chamado a atenção para a diferenciação e dicotomia entre história “natural”, “humana”, planetária e global. Ele argumenta que por muitos anos pouco se falou da questão ambiental na história, sobretudo o impacto humano na história da Terra. Do ponto de vista de Chakrabarty (2021), são conceitos interligados, uma vez que a condição humana mudou e está cada vez mais planetária. Segundo o autor, planetário significa a ligação do sistema terrestre, das espécies e sociedade humana no planeta, enquanto o global refere-se às interações, consumo, capitalismo e extrativismo.

Recentemente, Afeganistão, Argentina, Brasil, Burundi, China, Estados Unidos da América, Indonésia, Quênia, Tanzânia e Uruguai sofreram com fortes chuvas só na primeira metade do ano. Segundo a agência americana National Oceanic and Atmospheric Administration (NOAA; Administração Nacional Oceânica e Atmosférica), no mês de janeiro já havia sido registada uma média global de precipitação alta, acompanhada da média mais elevada de temperatura em grande parte do globo (National Oceanic and Atmospheric Administration/National Centers for Environmental Information, 2024). A previsão é de que o ano de 2024 seja o ano mais quente desde que há registos, ou seja, há 174 anos. Na Europa, os dez anos mais quentes já registados ocorreram desde 2007 e os três anos mais quentes desde 2020 (Copernicus Climate Change Service, & World Meteorological Organization, 2023).

No caso do Brasil, aconteceu recentemente (2024) a maior catástrofe climática já registada, mais especificamente atingindo a região Sul, expondo a interligação dos desafios climáticos e sociais (e políticos). O estado do Rio Grande do Sul (RS), o mais meridional do país, sofreu com chuvas intensas e inundações que atingiram 2.100.000 de pessoas e cerca de 90% do estado, que é maior do que o Reino Unido em extensão territorial. Algumas regiões chegaram a registar índices pluviométricos equivalentes à média de três meses em apenas dez dias e 390 cidades declararam situação de calamidade pública. Segundo relatório da Defesa Civil – RS (2024), 450 cidades foram afetadas, de um total de 497, interferindo na distribuição de energia elétrica e no fornecimento de água. O número de mortes supera uma centena e é semelhante ao número de desaparecidos, além de 500.000 pessoas desalojadas. Calcula-se que mais de 11.000 animais tenham sido afetados. Há ainda danos nas estradas, dificultando também a deslocação. Muitos desses municípios já haviam sido atingidos por fortes chuvas em setembro de 2023. A estimativa é de que muitas cidades terão de ser reconstruídas em outras regiões (Guimarães, 2024).

Os média começam a qualificar as vítimas deste fenómeno como “deslocados climáticos” e as expressões “eventos climáticos extremos” e “chuva intensa e persistente” têm sido utilizadas inclusive por governantes, que usam da narrativa da “força da natureza” para se esquivar da responsabilidade política de prevenção. Reportagens mostram que a gestão de riscos de desastres tem sido negligenciada desde 2017 no estado e dezenas de alertas têm sido feitos por órgãos ambientais sobre os impactos da crise climática, necessidade de prevenção e resposta aos desastres (Marcuzzo, 2024). Também no Brasil, mas na região Nordeste, o estado do Maranhão sofreu com enchentes após chuvas persistentes em abril, fazendo com que mais de 30 cidades declarassem situação de emergência (Nascimento, 2024).

Enquanto isso, na Espanha, a Agência Catalã da Água (ACA) decretou restrições de distribuição de água porque as reservas chegaram a menos de um quarto da sua capacidade em 2023 e no início de 2024 em mais de 200 localidades, incluindo Barcelona. Nos últimos anos, 55% do território espanhol tem estado em risco muito extremo de incêndios e as previsões de situações de emergência são cada vez mais frequentes em todo o Mediterrâneo: “ondas de calor mais intensas e duradouras, secas prolongadas e humidades relativas muito baixas” (World Wide Fund for Nature, 2023). Além disso, o relatório sobre o estado do clima de Espanha (Agencia Estatal de Meteorología, 2023) confirma um número recorde de dias em situação de onda de calor. Sítios históricos como os pântanos de Doñana, na Andaluzia, estão a sofrer níveis máximos de seca, agravados pela sobre-exploração dos aquíferos para irrigação de grandes propriedades.

Diversos acordos internacionais, como a Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, conhecida através das Conferências das Partes, a Convenção das Nações Unidas sobre a Diversidade Biológica, o Acordo de Paris e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas têm apelado a respostas políticas e ações efetivas locais para evitar o aumento da temperatura planetária. Baldwin-Cantello et al. (2023) falam do desafio triplo de manter o aumento da temperatura abaixo de 2º C,

para promover o bem-estar para todos, deter e reverter a perda de biodiversidade e evitar consequências ainda mais graves das alterações climáticas. Ter um ambiente limpo, saudável e sustentável também é considerado um direito humano, reconhecido pelo Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (United Nations, 2022).

A proposta de discutir os desafios sociais e culturais das alterações climáticas no âmbito dos estudos culturais visa envolver os diferentes olhares sobre essa realidade, muitas vezes centrados na questão física e técnica do fenómeno. O elevado número de contribuições recebidas para esta edição especial da revista foi também uma resposta à relevância do tema e à importância do olhar interdisciplinar de que as alterações climáticas carecem. Diversos estudos têm mostrado que as dimensões culturais têm impacto na interpretação da informação, no conhecimento, na percepção do problema e dos riscos, assim como nas formas de ação e reação. O contexto histórico-cultural influencia no consumo de informação, na transformação em questões públicas e políticas e na percepção da agência (Carvalho, 2010), uma vez que aspectos cognitivos e afetivos afetam comportamentos (Lázaro et al., 2011).

A cobertura mediática tem sido foco de diversos estudos devido ao seu importante papel na mediação do discurso científico. A comunicação é importante para o engajamento político (Carvalho et al., 2017) e se torna ainda mais relevante no atual cenário de polarização (Falkenberg et al., 2022), desinformação (Lewandowsky, 2021) e uso de redes sociais (Balbé & Carvalho, 2017; León et al., 2022). Estudos recentes também têm-se debruçado sobre como comunicar sobre as alterações climáticas (Balbé & Loose, 2020; Loose & Carvalho, 2023) e os efeitos psicológicos relacionados já identificados, como a ecoansiedade (Clayton, 2020). Os movimentos ativistas dos jovens pelo clima têm chamado a atenção de investigadores, especialmente a partir de 2019, quando eclodiram os protestos a partir do movimento Fridays for Future, liderado por Greta Thunberg, entre outros (Amondarain et al., 2022; Santos et al., 2024).

O engajamento jovem tem sido ainda objeto de análise a partir dos fundamentos morais. No projeto de investigação *Engajamento Jovem com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: A Escolha de Argumentos Morais nas Notícias Para Uso em Debate*, por exemplo, o foco esteve voltado para a relação entre fundamentos morais e o consumo de notícias sobre alterações climáticas. Envolvendo jovens do Brasil e de Portugal, foi realizado um questionário psicométrico (Costa et al., 2022; Costa & Capoano, 2023) e a classificação de comentários de notícias ambientais no ex-Twitter (X; Capoano, Costa & Balbé, 2024). Também foram realizadas análises de notícias procurando perceber como atributos morais são utilizados na cobertura mediática ambiental e podem influenciar no consumo das notícias (Capoano & Balbé, 2023). Os resultados apontam para uma forte adesão aos fundamentos morais de dano/cuidado e justiça/traição no contexto da discussão sobre alterações climáticas e engajamento (Capoano, Balbé & Costa, 2024), o que reforça o impacto sociocultural da questão.

Neste contexto, este volume temático dedicado às Alterações Climáticas: Desafios Sociais e Culturais aborda aspetos relacionados com a comunicação, jornalismo,

engajamento, ativismos, plataformas digitais, arte e abordagens artísticas e eco-ativistas, cinema, decolonialidade, percepção pública das alterações climáticas e vulnerabilidades socioambientais relacionadas com a saúde e a habitação.

Um grupo de artigos é voltado diretamente para os ativistas e distintas formas de ativismos. O artigo “A Hibridização do Jornalismo no Engajamento da Causa Climática: Um Estudo de Recepção com Ativistas Brasileiros”, discute os resultados de grupos focais com 60 ativistas das cinco regiões do Brasil. As autoras, Caroline Jacobi, Débora Steigleder, Eliege Fante e Eloisa Loose, focam a análise nos desafios da comunicação das alterações climáticas no cenário atual de emergência climática e de propagação de informação através de plataformas online, como as redes sociais, com a necessidade de adaptação do jornalismo para o engajamento.

Já o artigo “Emergência Climática e Ativismos da Juventude: Um Estudo de Caso em Lisboa”, da autoria de Mariana Castro, analisa o ativismo jovem e as ações realizadas por quatro movimentos ativistas organizados em Portugal. A autora debruça-se sobre o conceito de antropoceno e como os movimentos ativistas atuais respondem à emergência climática, o que provoca um novo olhar para a participação pública e política, onde os jovens buscam ter voz e agência nas discussões sobre seus futuros.

No artigo “Jovens Ativistas e Justiça Climática: Uma Análise das Articulações de Txai Suruí e Amanda Costa”, as autoras Criselli Montipó e Myrian Del Vecchio-Lima analisam os perfis e publicações das duas jovens ativistas brasileiras na rede social Instagram. Txai Suruí e Amanda Costa integram o Comitê Jovem do Pacto Global da Organização das Nações Unidas e a rede Engajamundo, uma rede de liderança jovem no Brasil. Txai Suruí é oriunda da comunidade indígena Paiter Suruí, de Rondônia, e Amanda Costa da periferia da cidade de São Paulo. Ambas as ativistas utilizam seus perfis no Instagram para promover a defesa de direitos socioambientais de modo didático e educativo, utilizando recursos de vídeo, e falam sobre meio ambiente, direitos humanos, cidadania, participação social e justiça climática.

No âmbito das abordagens artísticas, dois artigos discutem a produção de sentidos, processos de educação, percepção, ação e consciência do mundo através da produção cultural, arte ativista, arte ecológica e do audiovisual. O artigo “Arte Ativista e Arte Ecológica: Uma Discussão Sobre a Relação Entre Cultura, Ambiente e Sociedade, Abordagens Artísticas e Contextos de Produção Cultural” explora a identidade política da arte e a relação entre práticas culturais e ambiente. A autora Tatiana Vargas faz uma reflexão sobre o papel da arte ecológica e práticas culturais para produção de conhecimento, de educação e de pensamento crítico, trazendo também exemplos de práticas e artistas ativistas em Portugal.

No artigo “Contribuições de Dois Documentários Latino-Americanos Para uma Percepção Ampliada das Mudanças Climáticas a Partir de uma Leitura Decolonial”, a autora Denise Tavares aborda o protagonismo feminino e as lutas das populações indígenas e marginalizadas. São analisados os documentários *Hija de la Laguna* (2015), com direção do peruano Ernesto Cabellos, e *A Mãe de Todas as Lutas* (2021), com direção da

brasileira Susanna Lira. Discute-se, a partir da análise fílmica, a construção cênica e retórica das protagonistas, a justiça social, o colonialismo e a teoria decolonial.

Por fim, três artigos abordam a questão das narrativas e vulnerabilidades, seja através da percepção pública, seja por meio de propostas teóricas. O artigo “Compor Mundos: Explorando a Metamorfose do Mundo na Era das Alterações Climáticas e as Suas Implicações Para a Saúde” discute os desafios globais das alterações climáticas a partir do projeto transdisciplinar Compor Mundos. Humanidades, Bem-estar e Saúde, que envolve especialistas das ciências humanas, sociais e da saúde. Os autores Diogo Vidal, Marina Prieto Afonso Lencastre, Hélder Silva Lopes, Susana Magalhães e Rui Estrada partem da premissa da metamorfose da vida, aplicação social e ambiental do conceito de Beck (2016), para refletir sobre a integração dos riscos das alterações climáticas na saúde humana e não-humana, na sustentabilidade e no bem-estar, assim como para o enfrentamento da emergência climática, através da adaptação e a mitigação, considerando os diferentes contextos socioculturais. Os autores propõem *clusters* temáticos para o enfrentamento dos desafios e riscos das alterações climáticas na saúde e no bem-estar, refletindo sobre a necessidade de novas formas de ser, viver e pensar sobre o mundo.

O artigo “Narrativas Sobre Mudanças Climáticas no TikTok Brasil: Entre o Diagnóstico e a Desesperança” aborda a percepção pública das alterações climáticas nessa plataforma, que tem se tornado bastante popular no Brasil nos últimos anos. Os autores, Simone Evangelista e Marcelo Garcia, analisam publicações relacionadas com as alterações climáticas em português. Nos vídeos publicados, perceberam que, apesar do consenso sobre o problema e urgência, alguns aspetos associados à complexidade do tema são escassamente abordados, possivelmente pelas características da rede social, com prevalência de narrativas alarmistas e poucas fontes de informação científica identificadas.

Finalmente, no artigo “Sondar as Percepções das Alterações Climáticas em Enclaves Vulneráveis: Realidades Resilientes no Município de Buffalo City, África do Sul”, o autor Natal Buthelezi analisa desafios no enfrentamento das alterações climáticas em assentamentos informais. A investigação centra-se nas percepções de riscos das alterações climáticas na população dos assentamentos de Duncan Village, no município de Buffalo City, na África do Sul. Aplicando o modelo conceitual de percepção de risco e de perigo das alterações climáticas, o autor analisa a situação educacional e económica, o conhecimento sobre o fenómeno, as fontes de informação e as experiências pessoais de risco, a partir de informações coletadas por questionários, entrevistas e grupos focais. O cruzamento dessas informações com as tipologias das construções das moradias e a falta de manutenção habitacional evidencia que restrições económicas, atribuições de responsabilidades aos governos e necessidade de sensibilização sobre alterações climáticas comprometem ações de mitigação e adaptação. A formação das percepções de risco considera ainda as dinâmicas políticas históricas locais e as disparidades de género, dado que as mulheres têm camadas de vulnerabilidade mais profundas do que os homens. O autor propõe estratégias de educação, comunicação e mobilização, envolvendo diferentes agentes da comunidade local e governamental.

REFERÊNCIAS

- Agencia Estatal de Meteorología. (2023). *Informe sobre el estado del clima de España 2022*. https://www.aemet.es/es/conocerlas/recursos_en_linea/publicaciones_y_estudios/publicaciones/detalles/informe_estado_clima
- Amondarain, A., Barranquero, A., & Arrilucea, A. (2022). La construcción mediática de los movimientos juveniles frente al cambio climático. Fridays for Future y Extinction Rebellion en la prensa de referencia en España. *Estudios Sobre el Mensaje Periodístico*, 28(3), 497–509. <https://doi.org/10.5209/esmp.80710>
- Balbé, A., & Carvalho, A. (2017). As mudanças climáticas no Twitter: A ascendência da mídia e da política. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 40, 141–161. <https://doi.org/10.5380/dma.v40i0.49047>
- Balbé, A., & Loose, E. (2020). Jornalismo, medo e alterações climáticas: Articulações possíveis para pensar o enfrentamento dos riscos climáticos. *Observatorio (OBS) Journal*, 14(2), 38–55. <https://doi.org/10.15847/obsOBS14220201465>
- Baldwin-Cantello, W., Tickner, D., Wright, M., Clark, M., Cornelius, S., Ellis, K., Francis, A., Ghazoul, J., Gordon, J. E., Matthews, N., Milner-Gulland, E. J., Smith, P., Walmsley, S., & Young, L. (2023). The triple challenge: Synergies, trade-offs and integrated responses for climate, biodiversity, and human wellbeing goals. *Climate Policy*, 23(6), 782–799. <https://doi.org/10.1080/14693062.2023.2175637>
- Beck, U. (2016). *The metamorphosis of the world how climate change is transforming our concept of the world*. Polity Press.
- Capoano, E., & Balbé, A. D. (2023). La metodología MIME y la teoría de los atributos morales (MTF) para el estudio del cambio climático en tres enfoques. *Comunicación & Métodos*, 5(1), 77–89. <https://doi.org/10.35951/v5i1.177>
- Capoano, E., Balbé, A. D., & Costa, P. R. (2024). Is there a “green moral”? How young people’s moral attributes define engagement with narratives about climate change. *Social Sciences*, 13(3), 145. <https://doi.org/10.3390/socsci13030145>
- Capoano, E., Costa, P. R., & Balbé, A. (2024). Mediatized engagement with the environmental debate on Twitter. *The Journal of International Communication*. Pré-publicação online. <https://doi.org/10.1080/13216597.2024.2332231>
- Carvalho, A. (2010). Media(ted) discourses and climate change: A focus on political subjectivity and (dis) engagement. *Wiley Interdisciplinary Reviews: Climate Change*, 1(2), 172–179. <https://doi.org/10.1002/wcc.13>
- Carvalho, A., vn Wessel, M., & Maesele, P. (2017). Communication practices and political engagement with climate change: A research agenda. *Environmental Communication*, 11(1), 122–135. <https://doi.org/10.1080/17524032.2016.1241815>
- Chakrabarty, D. (2021). *The climate history in a planetary age*. The University of Chicago Press.
- Clayton, S. (2020). Climate anxiety: Psychological responses to climate change. *Journal of Anxiety Disorders*, 74, 102263. <https://doi.org/10.1016/j.janxdis.2020.102263>
- Copernicus Climate Change Service, & World Meteorological Organization. (2023). *European State of the Climate 2023*. <https://climate.copernicus.eu/esotc/2023>
- Costa, P. R., & Capoano, E. (2023). Adaptação do questionário dos fundamentos morais ao tema do ambiente. *Sociologia On Line*, (33), 34–50. <https://doi.org/10.30553/sociologiaonline.2023.33.2>

- Costa, P. R., Capoano, E., Balbé, A. D., & Gravato, D. (2022). Metodologia automatizada e psicométrica para análise na web: O caso do projeto de pesquisa “Engage for SDG”. *Revista Ciências Humanas*, 15(3). <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2022.v15.n3.a949>
- Defesa Civil – RS. (2024, 14 de maio). *Balanço das enchentes no Rio Grande do Sul*. <https://www.defesacivil.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-14-5-gh>
- Falkenberg, M., Galeazzi, A., Torricelli, M., Di Marco, N., Larosa, F., Sas, M., Mekacher, A., Pearce, W., Zollo, F., Quattrocchi, W., & Baronchelli, A. (2022). Growing polarization around climate change on social media. *Nature Climate Change*, 12, 1114–1121. <https://doi.org/10.1038/s41558-022-01527-x>
- Guimarães, L. (2024, 4 de maio). “Cidades inteiras do RS terão que mudar de lugar”, diz pesquisador que alertou para despreparo contra chuvas. BBC News Brasil. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd18p5zppono>
- Intergovernmental Panel on Climate Change. (2023). *Climate change 2022: Impacts, adaptation, and vulnerability*. Contribution of Working Group II to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781009325844>
- Lázaro, A., Cabecinhas, R., & Carvalho, A. (2011). Uso dos media e envolvimento com as alterações climáticas. In Carvalho, A. (Ed.), *As alterações climáticas, os media e os cidadãos* (pp.195–222). Grácio.
- León, B., Negro, S., & Erviti, M. C. (2022). Social engagement with climate change: Principles for effective visual representation on social media. *Climate Policy*, 22(8), 976–992. <https://doi.org/10.1080/14693062.2022.2077292>
- Lewandowsky, S. (2021). Climate change disinformation and how to combat it. *Annual Review of Public Health*, 42, 1–21. <https://doi.org/10.1146/annurev-publhealth-090419-102409>
- Loose, E. B., & Carvalho, A. (2023). Public communication and perceptions of climate change in Brazil. In Z. Baker, T. Law, M. Vardy & S. Zehr (Eds.), *Climate, science and society* (pp. 58–65). Routledge.
- Marcuzzo, S. (2024, 11 de maio). *Governo Eduardo Leite não colocou em prática estudos contra desastres pagos pelo estado*. Agência Pública. <https://apublica.org/2024/05/governo-eduardo-leite-nao-colocou-em-pratica-estudos-de-prevencao-de-desastres-pagos-pelo-rio-grande-do-sul/>
- Nascimento, L. (2024, 10 de maio). *Maranhão tem 30 cidades em situação de emergência por causa das chuvas*. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/maranhao-tem-30-cidades-em-situacao-de-emergencia-por-causa-das-chuvas>
- National Oceanic and Atmospheric Administration/National Centers for Environmental Information. (2024, 16 de fevereiro). *Global climate summary for January 2024*. Climate.gov. <https://www.climate.gov/news-features/understanding-climate/global-climate-summary-january-2024>
- Santos, T. R., Üzelgün, M. A., & Carvalho, A. (2024). Young climate activists in television news: An analysis of multimodal constructions of voice, political recognition, and co-optation. *The Communication Review*, 27(1), 32–54. <https://doi.org/10.1080/10714421.2023.2251310>
- United Nations. (2022). *The human right to a clean, healthy and sustainable environment: Resolution adopted by General Assembly*. <https://digitallibrary.un.org/record/3983329?ln=en&v=pdf>
- World Wide Fund for Nature. (2023). *Informe sobre incendios forestales 2023. Incendios extremos e inapagables. Propuestas para favorecer paisajes vivos, diversos, resistentes y resilientes*. WWF Adena.

NOTAS BIOGRÁFICAS

Alice Dutra Balbé é doutorada em Ciências da Comunicação pela Universidade do Minho. É membro da SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências de Comunicação e investigadora do Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Investiga temas relacionados com a área da comunicação ambiental e alterações climáticas, comunicação de ciência, relações interculturais e redes sociais digitais.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9584-1966>

Email: alicedb.jornal@gmail.com

Morada: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 4710-057, Braga, Portugal

Edson Capoano é doutorado em Estudos Latino-Americanos, habilitação em Comunicação e Cultura, pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor na Escola Superior de Propaganda e Marketing em São Paulo. É produtor da série micro-MACRO (TV Cultura de São Paulo/TVE Londres), sobre desenvolvimento sustentável na América Latina, autor do livro *A Natureza na TV* (2015) e foi investigador responsável pelo projeto *O Engajamento dos Jovens com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável: A Escolha dos Argumentos Morais das Notícias Para o Uso em Debate* (FCT/EXPL/COM-JOR/1534/2021), desenvolvido no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, onde investigou em jornalismo, participação e media digital.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6766-802X>

Email: edson.capoano@espm.br

Morada: Rua Álvaro Alvim, 123, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, Brasil

Alejandro Barranquero é doutorado em Jornalismo pela Universidade de Málaga. Atualmente é professor do Departamento de Comunicação da Universidade Carlos III de Madrid. É autor e co-autor de diversos textos sobre comunicação para o desenvolvimento e mudança social, comunitária, médias alternativas e cidadãs, comunicação ambiental e teoria crítica. É presidente da Rede RICCAP (www.riccap.org) e investigador responsável pelo projeto *Sostenibilidad del Tercer Sector de la Comunicación. Diseño y Aplicación de Indicadores* (SOSCom).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9264-9389>

Email: abarranq@hum.uc3m.es

Morada: Facultad de Humanidades, Comunicación y Documentación, Calle Madrid, 128, Campus Getafe, Madrid, Espanha



Este trabalho encontra-se publicado com a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0.